



## **O que tem se falado sobre rock e mulheres no Brasil?: um recorte de 2010 a 2021**

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: Educação Musical

*Larissa Guedes dos Santos*  
*Universidade Federal do Rio Grande do Norte*  
*larissa.santos.701@ufrn.edu.br*

**Resumo.** Esta comunicação é parte de uma pesquisa de mestrado em andamento que se dedica a compreender a formação musical de mulheres inseridas na cena rock da capital potiguar. Assim, o seu objetivo é analisar o que tem se falado nos trabalhos sobre rock e mulheres publicados em anais de eventos e revistas acadêmicas de associações e de programas de pós-graduação em música, em um recorte temporal que vai de 2010 a 2021. A metodologia utilizada foi o estado do conhecimento, que consiste na investigação de um tema específico dentro de uma área, com um determinado recorte de tempo. Como resultados gerais, é possível notar uma certa timidez em relação à temática, evidenciada pela baixa quantidade de trabalhos existentes.

**Palavras-chave.** rock, mulheres, gênero.

### **What has Been Said About Rock and Women in Brazil?: a clipping from 2010 to 2021**

**Abstract.** This communication is part of an ongoing master's research that is dedicated to understanding the musical formation of women inserted in the rock scene of the capital of Potiguar. Thus, its objective is to analyze what has been said in the works on rock and women published in the annals of events and academic journals of associations and graduate programs in music, in a time frame that goes from 2010 to 2021. The methodology used was the state of knowledge, which consists of the investigation of a specific topic within an area, with a certain time frame. As general results, it is possible to notice a certain shyness in relation to the theme, evidenced by the low amount of existing works.

**Keywords.** rock, women, gender.

## **Introdução**

Este artigo faz parte de uma pesquisa de mestrado em andamento que se dedica a compreender como ocorre a formação de mulheres inseridas na cena rock. Me dedico a estudar essa temática desde a monografia em que investiguei a formação musical de seis mulheres integrantes de uma banda de rock alternativo na capital potiguar. Senti a necessidade de estudar essa temática a partir de minha observação participante na cena, em que tinha meus conhecimentos sempre colocados à prova, enquanto mulher contrabaixista.



Pesquisas como a minha, que falam sobre “mulheres, feminismos, gênero e música”, começaram a ser realizadas em território nacional, a partir da década de 1970 (ZERBINATTI NOGUEIRA e PEDRO, 2018). Então, nota-se que não é de hoje que há interesse por esta temática. O artigo “A emergência do campo de música e gênero no Brasil: reflexões iniciais” publicado por Zerbinatti, Nogueira e Pedro (2018) deixa isso explícito, juntas, elas mapearam até o ano de 2017, 141 trabalhos que abordavam essa temática. A partir desse levantamento, as autoras vão considerar que existe um campo de música e gênero em emergência no Brasil. Se é um campo que está constituindo-se como um campo do conhecimento, acredito ser fundamental que cada vez mais pessoas adotem este discurso.

E no rock especificamente, é possível notar que sempre houve a participação de mulheres desde o seu surgimento, como a Sister Rosetta<sup>1</sup>, que está presente desde o início, antes mesmo do Elvis Presley. Apesar disso, livros como o de Chacon (1995), que contam a história do rock, não fazem menção a Rosetta, mas evidenciam homens como: Little Richard, Chuck Berry, o próprio Elvis Presley e muitos outros. Arelado a isso, a existência de movimentos e espaços destinados exclusivamente para as mulheres e suas práticas musicais na cena rock, como o *Riot Grrrl* - versão feminina do punk, que será mais discutida nas próximas páginas - e a partir disso os acampamentos, deixa claro a falta de espaço para mulheres nesse meio, de modo que elas precisaram criar ambientes onde se sentissem seguras para discutir ações e assuntos que promovessem inclusão e também para denunciar atitudes machistas dentro da cena. Tais fatos, chamam atenção para a invisibilização de mulheres nessa cena. Existem alguns autores/as que falam sobre a presença do feminino no rock e sobre a invisibilidade também, como Bayton (1989); Clawson (1999); Rodrigues (2006); Morelli (2012); Casadei (2013); Janotti (2013); Araújo (2014); Lucchesi (2015); Gelain e Amaral (2017); Farias (2020); e Barbosa (2020). A partir da ordem cronológica desses trabalhos, é possível ver que a invisibilidade das mulheres na cena é algo que existia no passado e existe no presente.

A partir disto, através da minha observação participante e da literatura, entendo como necessário realizar pesquisas que abordem a temática “rock e mulheres”, para que elas não sejam mais invisibilizadas. Realizar o estado do conhecimento trará uma ideia do que está sendo produzido e conduzirá para o que ainda pode ser pesquisado e/ou estudado.

---

<sup>1</sup> Para saber mais, leia o livro: *Shout, Sister, Shout!: The untold story of rock-and-roll trailblazer Sister Rosetta Tharpe* de Gayle Wald.

## Metodologia

A metodologia utilizada para esta comunicação, foi a pesquisa bibliográfica intitulada “estado do conhecimento”. Esse tipo de pesquisa, segundo Romanowski (2006, p. 39), difere da pesquisa denominada “estado da arte”, porque enquanto o “estado da arte” abrange “toda a área do conhecimento, nos diferentes aspectos que geraram produções” (ROMANOWSKI, 2006, p. 39) como dissertações, teses, publicações em congressos e em periódicos, o “estado do conhecimento” é mais restrito, abordando “apenas um setor das publicações” (ROMANOWSKI, 2006, p. 40).

Assim, nesta comunicação foram considerados artigos publicados em anais de congressos e revistas acadêmicas de programas de pós-graduação e associações, que tratassem da temática envolvendo rock e mulher(es). Aqui foram considerados os anais dos congressos nacionais da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Música (ANPPOM) e os anais dos congressos e encontros regionais da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), num recorte temporal que vai de 2010 até 2021, além das revistas da ABEM e as revistas acadêmicas brasileiras de associações e de programas de pós-graduação em música. Para identificar as revistas, foi considerada a classificação de periódicos da Plataforma Sucupira<sup>2</sup> do quadriênio 2013-2016 na área de arte. Como o objetivo era identificar apenas trabalhos publicados na área de música, foi realizada uma análise para identificar quais periódicos estavam vinculados aos programas de pós-graduação em música ou de associações de música, ou ainda tratavam diretamente da temática música. Os periódicos encontrados foram: Journal of New Music Research; OPUS; Per Musi; Hodie; Art Research Journal; Vórtex; DAPESQUISA; Debates; Interfaces; Música em Contexto; Musica Theorica; MusMat; Revista Música; Revista Música e Cultura; Orfeu; Revista Brasileira de Música; Música em Perspectiva; Ictus e Música Popular em Revista. Para a análise, não foram consideradas as revistas Journal of New Music Research e Art Research Journal, por estarem escritas em inglês e o foco da pesquisa ser as produções brasileiras em língua portuguesa e a revista MusMat, por trazer apenas assuntos relacionando a música com a matemática, o que tangencia do tema deste artigo. Apesar de ser uma lista extensa, não é considerada exaustiva, porque eventualmente alguma revista pode ter ficado fora da análise.

---

<sup>2</sup> Disponível em:

<<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>> último acesso em: 29/06/2022

## *Análises gerais*

Foram realizadas duas análises. A primeira para identificar os trabalhos que iam compor a análise mais aprofundada por estar dentro da temática pretendida, ou seja, trabalhos que falavam sobre rock e mulheres. Para isso, foram analisados os títulos, resumos e palavras-chave nos anais e revistas citados anteriormente, de modo que se em algum desses espaços aparecessem os descritores “rock”, “metal”, “pop rock”, “mulher”, “feminismo”, “feminino”, “gênero”, “meninas” ou mesmo nomes de mulheres, o artigo seria analisado de maneira aprofundada, caso não, o artigo seria descartado. Após esta primeira análise, foram identificados um número total de sete trabalhos publicados, 3 na revista Música Popular em Revista (UNICAMP), 2 nos anais do encontro regional sul da ABEM, 1 no anais do congresso nacional da ANPPOM, e 1 na revista Debates (UNIRIO). Nas outras revistas, apesar de terem trabalhos publicados sobre rock, não faziam nenhuma menção a “mulher”, “feminismo[s]”, “feminino”, “gênero” ou “meninas”, por isso não foram selecionados. Os anos de publicação foram 2012, 2013, 2014, 2018 e 2020. Nos três primeiros anos foram a publicação da Música Popular em Revista, em 2018 foi a publicação da revista Debates e do congresso da ANPPOM e em 2020 foram as duas publicações no encontro regional sul da ABEM. Os trabalhos apresentam temas variados. Os artigos publicados na ABEM apesar de apresentarem diferenças consideráveis, podem ser agrupados na área de educação musical, já o trabalho publicado na revista Debates é mais voltado para a área da performance, mais especificamente, o canto. O artigo publicado no congresso da ANPPOM é voltado para a produção musical e sonora das mulheres, falando sobre feminismo[s] e sobre empoderamento. Os trabalhos publicados no periódico Música Popular em Revista, apesar de estarem na mesma revista, apresentam temas distintos. Os dois primeiros artigos estão mais ligados aos estudos da mídia e gênero e o último aos estudos da linguagem.

**Tabela 1:** Artigos encontrados

Nº	Ano	Autor/a	Título	IES que as pesquisas se vinculam
1.	2012	MORELLI, Rita de Cássia Lahoz	Celly, Meire e Regiane: experiências midiáticas de três meninas do rock paulista	UNICAMP
2.	2013	CASADEI, Eliza Bacheга	O punk não é só para o seu namorado: esfera pública alternativa, processos de identificação na cena musical Riot Grrrl	ECA-USP



3.	2014	ANAZ, Sílvio A. L.	A erotização do imaginário do pop-rock brasileiro nas canções de Rita Lee	PUC-SP
4.	2018	MOREIRA, Daniela da Silva	Conceitos sobre ajustes no Trato Vocal: Fundamentos para uma análise de utilização do vocal feminino no Symphonic Metal	UFPeI
5.	2018	NOGUEIRA, Isabel Porto; MARTINS, Isadora Nocchi	Diálogos colaborativos entre sons e empoderamento: Ciclo Sônicas, Festival Sonora Ciclo Internacional de Compositoras edição Porto Alegre e Girls Rock Camp Porto Alegre	UFRGS
6.	2020	FARIAS, Maria Amélia Benincá de.	Enfrentando estereótipos de gênero em bandas de rock através de ações músico-pedagógicas inclusivas: uma pesquisa em educação musical em andamento	UFRGS/IFRS
7.	2020	MARTINS, Áudrea Costa.	Gênero e sexualidade na Educação Musical: um relato de experiência com dois grupos de práticas musicais com jovens na escola	UFRGS/IFRS

### *Análises detalhadas*

Como não foram encontrados muitos trabalhos, houve a possibilidade de realizar uma análise mais detalhada, lendo cada trabalho completo e não apenas o resumo. Assim, os artigos foram analisados conforme os tópicos apresentados nos próprios, em geral, estruturados em: introdução; desenvolvimento[s]; e considerações finais.

O artigo intitulado “Celly, Meire e Regiane: experiências midiáticas de três meninas do rock paulista” foi escrito por Rita de Cássia Lahoz Morelli e publicado em 2012 no periódico da UNICAMP “Música Popular em Revista”. A autora se dedica a analisar a carreira musical de Celly, Meire e Regiane, todas pertencentes à cena do rock paulista dos anos 1950. A autora identifica pontos em comum entre as três artistas, como a presença de figuras masculinas que orientavam de certa forma as suas carreiras musicais. No caso de Celly, o seu irmão Tony Campello, que também era músico. No caso de Meire, o seu pai, que era professor de música e também o seu irmão, que apesar de ser mais novo que Meire, opinava em sua carreira. E no caso de Regiane, foi o seu professor e posteriormente, o diretor do programa de rádio que participava. Outro ponto em comum citado pela autora é a brevidade das carreiras das artistas. Celly abandonou a vida artística no auge da fama para se casar. Regiane abandonou a carreira





por causa da dissonância que existia entre a formação musical e moral que recebeu. Já Meire, das três foi quem teve a carreira mais longa, a autora atribui isso ao fato de não ter se casado tão cedo e de ter o suporte da presença de parentes masculinos no meio artístico. O artigo não possui divisões em sua escrita, mas é possível notar a presença de uma parte introdutória, em que a autora fala sobre o interesse do ambiente acadêmico em estudar as relações de gênero nos campos da música erudita e popular, depois ela fala um pouco da pesquisa que originou o artigo e em seguida ela já começa a falar sobre as carreiras das artistas. O artigo não apresenta uma conclusão, uma vez que o diálogo é colocado no decorrer do texto.

O artigo denominado “O punk não é só para o seu namorado: esfera pública alternativa, processos de identificação e testemunho na cena musical Riot Grrrl” foi escrito por Eliza Bachega Casadei e publicado no periódico da UNICAMP “Música Popular em Revista” no ano de 2013. O objetivo do artigo é estudar os instrumentos que bandas feministas envolvidas no movimento Riot Grrrl utilizam para criar identificação com o seu público, principalmente a partir de uma pesquisa empírica dos e-zines publicados pelas bandas e pela ação comunicativa de suas líderes nas redes sociais (CASADEI, 2013). No decorrer do texto a autora faz uma descrição do movimento Riot Grrrl, citando as suas principais características, dentre elas, a elaboração de próprios veículos de comunicação, como fanzines, e-zines e o uso frequente de mídias sociais. A autora fala um pouco de fanzines e e-zines, descrevendo suas características e seus pontos divergentes e também os pontos em comum. Ambos possuem uma luta política e feminista, mas segundo a autora, os e-zines por serem digitais permitem uma interação maior entre as escritoras e as leitoras. Para a autora, essa interação é positiva, pois gera uma sociabilidade entre as mulheres, além de gerar uma identificação. Na parte das considerações finais, a autora entende que a luta política feminista das Riot Grrrls difere dos parâmetros instituídos pelo feminismo tradicional pelos mecanismos de identificação coletiva colocados na esfera pública alternativa de crítica musical. Para a autora, ao trazer as ideias a partir da música, as Riot Grrrls conseguiram constituir uma esfera pública alternativa de crítica de rock, em que a identificação ocorre na ênfase do empoderamento feminino, na adoção de uma estética própria e na edificação de casos exemplares de violências cotidianas sofridas por meio dos testemunhos. A autora finaliza falando que o testemunho funciona como um poderoso agenciador das identidades coletivas, por causa do reconhecimento de um mundo em comum, alocando a identidade enquanto ato performativo.

O artigo intitulado “A erotização do imaginário do pop-rock brasileiro nas canções de Rita Lee” foi escrito por Sílvio A. L. Anaz e publicado em 2014 no periódico da UNICAMP “Música Popular em Revista”. O objetivo do artigo é compreender “o processo de construção

do imaginário de amor romântico erotizado na canção popular a partir de alguns dos principais sucessos compostos por Rita Lee” (ANAZ, 2014, p. 80). Para alcançar o objetivo do artigo, o autor seguiu alguns percursos. O primeiro deles é comentar um pouco sobre a carreira musical da Rita Lee e como já na década de 1960 ela se mostrava à frente do seu tempo. Em seguida, o autor apresenta a justificativa do trabalho, trazendo dados da presença do amor romântico como um dos principais temas da canção brasileira. Fala ainda que “uma das partes essenciais que compõem a ideia e o imaginário do amor romântico diz respeito ao erotismo” (ANAZ, 2014, p. 82), questões que se fazem presentes nas canções da Rita Lee. Depois o autor fala que o trabalho dele será “analisar um trajeto de construção de imaginários que parte dos diálogos culturais estabelecidos pela artista” (ANAZ, 2014, p. 83) e que “desemboca nas imagens e nos significados (semiose) predominantes nas letras e músicas que criou” (ANAZ, 2014, p. 83). Para o autor as letras das composições da Rita Lee tinham temas e imagens de relações amorosas em que o sexo estava bastante presente. O autor traz no texto também uma definição de imaginário com base em Michel Maffesoli e Gilbert Durand, em que o imaginário seria um processo antropológico, que o próprio ser humano tem produzido. Nas próximas páginas do artigo, o autor se dedica a mapear e analisar as canções de Rita Lee que entram dentro da construção do imaginário de amor romântico. O autor seleciona cinco canções que fizeram sucesso no final da década de 1960 e início da década de 1970. Depois ele explica que as análises foram realizadas com base nos signos e nas avenidas de sentido propostas por Roland Barthes. Ao findar a análise, o autor mapeia através de uma nuvem de palavras os elementos mais presentes na construção do amor romântico das letras da Rita Lee. As palavras que aparecem em maior destaque são: corpo, sedução e erotismo. Para o autor, a presença dessas palavras enfatiza a erotização na construção do imaginário do amor romântico nas canções da Rita Lee. Como considerações finais, o autor traz alguns pontos interessantes, como a confirmação de que as canções de Rita Lee foram de certa forma influenciadas pelo contexto sociocultural e pelas tribos urbanas que ela fazia parte. O autor fala ainda que as letras apresentam elementos que enfatizam um protagonismo feminino, com pretensões libertárias e altamente sexualizadas. Fala que a erotização presente em suas canções contribuíram: “para o imaginário do pop-rock brasileiro colocar em evidência a imagem arquetípica feminina e elevar a questão da sexualidade e do erotismo a partir do ponto de vista da mulher para o primeiro plano” (ANAZ, 2014, p. 98).

Por estarem dentro do mesmo contexto (a educação musical), os artigos de 2020 serão analisados juntos. O primeiro artigo analisado foi escrito por Maria Amélia Benincá Farias (2020) e tem como título “Enfrentando estereótipos de gênero em bandas de rock através de

ações músico-pedagógicas inclusivas: uma pesquisa em educação musical em andamento”. O artigo apresenta a etapa inicial de uma tese de doutorado, cujo objetivo é “compreender a educação musical posta em prática por uma rede de mulheres voluntárias, que se dedicam a promover experiências de bandas de rock para meninas e mulheres, na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul” (FARIAS, 2020, p. 01). No presente artigo, a autora se dedicou a explorar os recursos metodológicos e a revisão de literatura inicial de sua tese. Na introdução ela apresenta um pouco sobre como ocorreu o seu contato com o objeto de estudo, que foi quando a convidaram para atuar no projeto como docente voluntária em uma edição do acampamento que ocorreu com meninas dos 7 aos 17 anos. O acampamento é diurno e tem duração de uma semana, na qual as meninas têm contato com os instrumentos característicos das bandas de rock e têm aulas de defesa pessoal e dança. Depois ela comenta um pouco sobre como iniciou a pesquisa, que foi através da revisão de literatura e fala sobre o seu retorno ao acampamento para realizar a sua pesquisa, desta vez com público adulto. O segundo artigo, analisado dentro do eixo temático, foi escrito por Áudrea Costa Martins (2020) e é intitulado “Gênero e sexualidade na Educação Musical: um relato de experiência com dois grupos de práticas musicais com jovens na escola”. Consiste em um relato de experiência acerca da sua prática docente, onde ela traz “reflexões sobre questões de gênero e sexualidade em dois grupos musicais de jovens” (MARTINS, 2020, p. 01). Os grupos observados são uma orquestra e uma banda de rock. Na introdução a autora explica um pouco sobre os grupos, que estão alocados numa extensão do curso técnico de nível médio em instrumento musical de uma instituição pública; a faixa etária das pessoas que frequentam a orquestra é de 13 a 17 anos; a faixa etária dos/as integrantes da banda de rock é de 13 a 15 anos. Assim como a autora do primeiro artigo, Martins (2020) começou a se interessar por pesquisas de gênero a partir da prática docente e começou a ter uma observação mais atenta para essas questões. Ainda na introdução dos trabalhos, as autoras dedicam uma parte para definir o que é gênero utilizando autoras distintas, Farias (2020) se fundamenta em Judith Butler, enquanto Martins (2020), se fundamenta em Joan Scott. Ambas as autoras que serviram de fundamentação para Farias (2020) e Martins (2020) se dedicam aos estudos de gênero e apesar de terem estudos distintos, entram em acordo quanto à definição de gênero, que é o gênero enquanto uma construção social, abordado também nos artigos estudados. Parece ser comum em pesquisas que falam sobre mulheres, trazer a definição de gênero. Scott (1995) já falava sobre isso, para ela colocar gênero no lugar da palavra mulher, deixaria o estudo mais bem aceito dentro da acadêmia. Na segunda parte do artigo Farias (2020), se dedica à fundamentação metodológica, falando um pouco mais sobre gênero e mulheres. Já Martins (2020), traz uma reflexão interessante sobre bandas de rock.



Martins (2020) vai falar um pouco sobre a banda de rock no seu contexto de ensino, então existem duas bandas, uma com todos integrantes meninos e a outra com três meninos e duas meninas. A autora menciona que esse processo de formação de banda motivou algumas meninas a aprenderem a tocar bateria, contrabaixo e guitarra. E Martins (2020) vai contando a experiência das meninas nesse processo, em que no início as meninas pretendiam cantar, por acharem constrangedor estar ali com o instrumento, na mente delas, os meninos seriam profissionais, mesmo que estivessem no mesmo nível. Depois de um tempo, a banda já contava com cinco integrantes meninas. A partir disso, a escola começou a chamar a banda de “banda de meninas” e a autora traz uma reflexão sobre isso, que se fundamenta na seguinte pergunta: porque uma banda de homens é chamada apenas de banda e uma banda de mulheres é chamada de banda de mulheres? E realmente é uma questão para se pensar. Ambas as autoras dedicam uma parte do artigo para falar sobre o *riot grrrl*. Durante o meus estudos acerca do tema, pude notar que é o *riot grrrl* se faz bastante presente em trabalhos que falam sobre mulheres e rock, é possível que isso acontece porque é *riot* é uma movimento de mulheres, feito por mulheres e para mulheres (LUCCHESI, 2015) que se dedica ao rock e ao feminismo[s], e a luta por igualdade, através de protestos em letras de músicas, da produção independente, etc. A terceira parte do artigo de Farias (2020) é dedicada à pesquisa de outros tipos de acampamentos nacionais e internacionais, direcionados ou não para a formação de mulheres, nessa parte a autora também menciona sobre como foi realizada a sua revisão de literatura. Já nas partes seguintes do artigo Martins (2020) relata ainda o processo das meninas dentro da banda de rock. É trazido para o texto o relato de suas alunas, a primeira que toca flauta na orquestra e contrabaixo na banda, tem o desejo de tocar amplificadora também na orquestra, mas não o faz por causa dos meninos, segundo a autora, a partir da fala de sua aluna, não fica claro se ela se refere a um espaço dominado por homens ou apenas pela presença de meninos na orquestra. O segundo relato é de uma outra menina, que inicialmente queria tocar bateria, mas a mãe a convenceu que não seria uma boa ideia, então em espaços públicos tocava teclado. Por último, nas conclusões Farias (2020) entende que esses projetos (os acampamentos) evidenciam “que não há impedimentos justificáveis, em termos de gênero, idade, etnia, raça, classe ou religião para impedir uma pessoa de participar ativamente de uma banda de rock” (Farias, 2020, p. 13). Já Martins (2020), constatou que as construções de gênero e sexualidade afetam a escolha de instrumentos “apropriados” para determinado gênero e ainda constatou que as bandas de rock não têm restrições à participação.

O sexto artigo analisado foi escrito por Daniela da Silva Moreira, publicado na revista Debates - UNIRIO em 2018 e traz o título “Conceitos sobre ajustes no Trato Vocal:

Fundamentos para uma análise de utilização do vocal feminino no Symphonic Metal”. O artigo foi iniciado ainda no âmbito da graduação, por uma bacharelanda em canto. O objetivo geral de sua pesquisa é:

[...]analisar o trabalho vocal desenvolvido por três cantoras de bandas do subgênero musical do *heavy metal*, o *symphonic metal*, e assim, entender e exemplificar modificações de timbre vocal decorrentes da combinação de ajustes musculares no trato vocal. (MOREIRA, 2018, p. 95).

Na introdução a autora fala que o interesse pela temática veio a partir da sua própria atuação na cena. Algo em comum com Farias (2020) e Martins (2020). Ainda na introdução, ela explica questões técnicas do canto e também sobre a metodologia empregada que “foi desenvolvida com base em pesquisa bibliográfica e virtual, buscando conceituar os princípios do canto a fim de entender os ajustes ocasionados no trecho entre as pregas vocais e os lábios da boca (trato vocal)” (MOREIRA, 2018, p. 96). E depois a autora expõe que a partir desses dados obtidos, foi possível observar, analisar e comparar as mudanças vocais apresentadas por três vocalistas, escolhidas por serem as que melhor exemplificam os ajustes do trato vocal. Depois a autora explica como a pesquisa está dividida, onde primeiramente ela vai fazer uma breve história do heavy metal, depois vai falar sobre as técnicas de canto e por fim ela faz a análise da atuação das cantoras. Na história do heavy metal, são trazidas que as principais características do estilo são o peso sonoro, principalmente de distorções de guitarra; a harmonia, utilizando o power chord; utilização de características de marcações acentuadas no ritmo, além da utilização das escalas pentatônicas. Depois Moreira (2018) comenta que o Symphonic metal teria surgido a partir de outros subgêneros do heavy metal e a diferença é a utilização de “elementos sinfônicos”, que podem ocorrer também através da técnica do canto lírico. Nos próximos tópicos a autora fala sobre os princípios do canto e da voz mencionando como ocorrem esses processos no corpo e quais as musculaturas utilizadas para que a pessoa possa falar e cantar. Depois Moreira (2018) adentra diretamente no trato vocal, explicando como ele é constituído. A partir disso, explica sobre os tipos de vozes, sobre as estruturas que são utilizadas e que tudo isso interfere no resultado final vocal. Por último, ela faz a análise da utilização do trato vocal das cantoras, concluindo que elas possuem controle do trato vocal, o que enriquece as suas performances. Nas considerações finais a autora evidencia a dificuldade de encontrar referencial bibliográfico a respeito do heavy metal e os seus subgêneros, especialmente no meio acadêmico. Outro ponto destacado foi a predominância de direcionamentos para a música de concerto, quando se buscava por canto lírico. A partir disso, Moreira (2018) reflete sobre a necessidade de mais pesquisas sobre o canto lírico em um

contexto popular. Para mais, a autora entende que realizar esta pesquisa fez com que houvesse uma melhora na sua própria prática, a partir do estudo aprofundado sobre o trato vocal, que inclusive, acredita ser fundamental para todo/a cantor/a. No final do trabalho, ela narra que a análise vocal das cantoras foi realizada a partir de sua concepção como base no que tem estudado até o momento, por isso é possível que ocorram análises diferentes por outras pessoas e até por ela mesmo, futuramente.

O sétimo artigo analisado foi escrito por Isabel Porto Nogueira e Isadora Nocchi Martins, publicado no XXVIII congresso nacional da ANPPOM de 2018 e traz o título “Diálogos colaborativos entre sons e empoderamento: Ciclo Sônicas, Festival Sonora Ciclo Internacional de Compositoras edição Porto Alegre e Girls Rock Camp Porto Alegre. O objetivo do artigo é “apresentar e discutir sobre três propostas de festivais e ciclos envolvendo sons e músicas de mulheres, trabalho colaborativo e empoderamento feminino, realizados no âmbito universitário e fora dele” (NOGUEIRA; MARTINS, 2018, p. 01) das quais as autoras estiveram envolvidas de diferentes formas. Na parte introdutória é mencionado o lugar de fala das autoras, para que @s leitor@s compreendam que a discussão e a apresentação dos festivais e ciclos são realizadas, não apenas através da bibliografia, mas também a partir de seus olhares e experiências. Ainda nessa parte é importante citar Nogueira e Martins (2018) escolheram “utilizar bibliografia escrita por mulheres, e que apresentassem o feminismo, as redes e os processos educativos feministas como seus principais focos de interesse.” (NOGUEIRA; MARTINS, 2018, p. 02).

No segundo tópico as autoras apresentam os festivais e ciclos. Apesar de saber da importância dos demais, vou me ater principalmente ao Girls Rock Camp por estar mais diretamente ligado a temática desta comunicação. Na parte dedicada ao Girls Rock Camp Porto Alegre é feito um histórico de suas edições, sendo a primeira em 2017, mas que começou a ser planejada dois anos antes, em 2015. Nesta edição foram 30 campistas com idade entre 7 e 17 anos, que durante os dias 23 e 27 de janeiro de 2017 tiveram aulas de instrumentos que elas próprias escolheram e realizaram “oficinas de fanzine, imagem e identidade, expressão corporal, defesa pessoal, palco e performance, composição musical sintetizadores e stêncil.” (Nogueira; Martins, 2018, p. 02), no final de semana as meninas apresentaram um show aberto para a comunidade. Na edição seguinte, que aconteceu entre 22 e 26 de janeiro, houve um aumento no número de participantes, foram abertas 40 vagas, sendo 10 para bolsistas. As autoras comentam ainda neste tópico que a primeira edição do Girls Rock Camp foi em Portland/EUA como um acampamento diurno que reunia garotas que buscavam aprender e mulheres dispostas a ensinar, e chamaram essa configuração de “rede de mulheres”. Além disso, Nogueira e Martins (2018) falam que o projeto teve vazão pelo mundo através do Girls Rock Camp Alliance, que é “uma organização que busca dar ajuda e apoio para que se criem diversos Camps pelo mundo.” (NOGUEIRA; MARTINS, 2018, p. 03). Segundo as autoras, aqui no

Brasil, a primeira edição ocorreu em Sorocaba/SP em 2013 e permanece acontecendo anualmente desde então. Outro ponto importante a ser destacado neste tópico é o treinamento que as mulheres voluntárias recebem antes de dar aula ou ministrar oficinas nos Camps, para que elas saibam lidar com as campistas.

No terceiro tópico Nogueira e Martins (2018) fazem o entrelaçamento entre suas experiências, teorias, atravessamentos e aprendizados. Em relação ao Girls Rock Camp, para as autoras, priorizar a escuta, uma vez que o foco do acampamento são as campistas, “foi talvez uma das práticas mais transformadoras daquela semana” (NOGUEIRA; MARTINS, 2018, p. 05). As autoras relacionam essa prática do Camp, com a trajetória acadêmica, que nem sempre é possível que haja essa escuta e a criatividade é deixada um pouco de lado para trabalhar a formação de currículos. Por fim, Nogueira e Martins (2018) falam que durante as experiências que tiveram durante o período do Camp, perceberam que estabeleceram “ligações mais fortes entre os textos teóricos e as vivências práticas, vivenciando os tempos do diálogo e da consulta permanente entre todas as mulheres do grupo para checagem das informações” (NOGUEIRA; MARTINS, 2018, p. 06). Além disso, elas revisitaram seus próprios processos de auto cobrança e exigências constantes, pensando em como suas práticas muito rapidamente focam em buscar trabalhar mais e produzir mais, e perceberam de forma muito profunda como a necessidade de acolhimento começa com elas mesmas, e se estende de forma horizontal em seus cotidianos, atuação acadêmica e produção teórica e artística (NOGUEIRA; MARTINS, 2018, p. 06).

Nas considerações finais, as autoras falam que no Girls Rock Camp uma delas atuou como parte da equipe organizadora e voluntária, enquanto a outra atuou apenas como voluntária. Nogueira e Martins (2018) trazem também um depoimento de uma das voluntárias que participou o Camp com elas, onde a voluntária fala que a maior dificuldade não é começar um evento como esse, mas insistir em seguir em frente. Depois disso, as autoras chama a atenção para a importância das redes de mulheres que se unem para realizar esses tipos de eventos e concluem o artigo falando que pretenderam através da discussão sobre os festivais e refletindo sobre suas experiências, trazer a ideia da resistência e insistência, e colocando “o hibridismo da reinvenção entre fronteiras como marca principal” (NOGUEIRA; MARTINS, 2018, p. 08).

### *Resultados e Conclusões*

Inicialmente, a quantidade de artigos publicados evidencia uma tímida produção acadêmica a respeito do eixo temático analisado. Tal fato, apesar de em uma primeira observação parecer negativo, pode não ser, pois mostra que ainda têm muitas questões para se estudar e debater. Ao mesmo tempo, abre para uma série de questionamentos ainda sobre a quantidade, como: o que motiva a timidez na produção de conhecimento acerca da presença

feminina no rock? Será que é ainda por causa da invisibilidade que as mulheres enfrentam nesta cena? Ou existem outras razões? Existe alguma razão? Se sim, quais? Tais questões, não poderão ser respondidas com este trabalho, de modo que seria necessário uma outra pesquisa para isso. A partir das datas das publicações, é possível notar que os estudos são bem recentes, comparados a outros estudos da área da música. Em relação aos temas abordados nos artigos analisados, nota-se que as pesquisas relacionadas à educação musical tendem a trazer outros temas entrelaçados como feminismos; gêneros; classes sociais, entre outros. O que pode ocorrer porque há o entendimento de que essas questões afetam, de alguma forma, o ensino musical. As pesquisas sobre performance - embora não tenha muitos trabalhos para analisar - não parecem se preocupar com essas questões, mas sim com a falta de materiais sobre o rock e os seus subgêneros a nível acadêmico. A presença de outras áreas nos trabalhos analisados, como os estudos da mídia e de linguagens, nos faz pensar que é possível que haja uma transversalidade dos temas que abordam o público feminino e o rock. Outro fator importante que aparece nos trabalhos de Casadei (2013), Farias (2020) e Martins (2020) é que ambas as autoras falaram sobre o *Riot Grrrl*, versão feminina do punk, que pode ser motivada por tudo que o *Riot* representa para o rock feminino e feminista[s]. Além disso, é interessante mencionar que dos sete trabalhos analisados, seis traziam questões explícitas ou implícitas sobre gênero e feminismo[s]. Também é considerável falar que durante o levantamento de dados dos trabalhos que comporiam esta comunicação pude notar que existe uma quantidade considerável de trabalhos que falam sobre o gênero musical rock, sem trazer questões de gêneros e feminismos ou mesmo da presença de mulheres na cena. Por último, é importante atentar para o fato de que seis, dos sete trabalhos analisados foram escritos por mulheres, dessas, três falaram que já possuíam uma experiência prévia com a cena, então é possível imaginar que o interesse por pesquisar rock e mulheres, pode partir da própria vivência. Realizar essa pesquisa foi importante para esclarecer algumas dúvidas, mas também fomentar muitas outras novas e ir em busca de mais respostas e de soluções para tornar o ensino da música mais inclusivo, mais justo, mais empático e mais abrangente para todas as pessoas, incluindo mulheres. Além disso, é importante mencionar que esta ainda está em fases iniciais e futuramente há a pretensão de transformá-la em uma pesquisa de “estado da arte”, onde também serão consideradas teses e dissertações dos programas de pós-graduação em música e os anais de outros congressos nacionais, como o da Associação Brasileira de Etnomusicologia (ABET), por exemplo, que não pode compor este trabalho por questões de tempo.



## Referências

ANAZ, Sílvio A. L. A erotização do imaginário do pop-rock brasileiro nas canções de Rita Lee. *Música Popular em Revista*. Campinas, ano 3, v. 1, p. 80-100, jul.-dez. 2014.

ARAUJO, Tatiana Brandão de. Punk não é só pro seu namorado: uma leitura queer sobre o filme *All Over Me*. Dissertação (Mestrado em Literatura). Florianópolis: Centro de Comunicação e Expressão. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis-SC, p. 164. 2014.

BARBOSA, Karina Moritzen. Entre gatas, demônias, flores e darma: atravessamentos de gênero em cenas musicais natalenses de rock. Dissertação (Mestrado em Estudos da Mídia). Natal: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal-RN, p.148. 2020.

BAYTON, Mavis Mary. How Women Become Rock Musicians. May 1989. 616 f. Dissertação (PhD Sociology) - The University of Warwick. Department of Sociology. Inglaterra. May, 1989.

CASADEI, Eliza Bacheга. O punk não é só para o seu namorado: esfera pública alternativa, processos de identificação e testemunho na cena musical Riot Grrrl. *Música Popular em Revista*, Campinas, ano 1, v. 2, p. 197-214, jan.-jun. 2013.

CHACON, Paulo. *O Que é Rock*. Coleção Primeiro Passos. Editora Brasiliense; 5ª edição. São Paulo-SP, 1995.

CLAWSON, Mary Ann. When Women Play The Bass: Instrument specialization and gender interpretation in alternative rock music. *Gender & Society*. Vol. 13 N. 2, April 1999. p. 193-210.

FARIAS, Maria Amélia Benincá. Enfrentando estereótipos de gênero em bandas de rock através de ações músico-pedagógicas inclusivas: uma pesquisa em educação musical em andamento. *In: Encontros Regionais Unificados da ABEM, 2020, on-line. Anais do Encontro Regional Sul, 2020. v. 4.*

GELAIN, Gabriela; AMARAL, Adriana. Girls Rock Camps Brasil: continuidade subcultural e presença Riot Grrrl. *IS Working Paper* N° 58. 3ª série. Porto, 2017.

JANOTTI JUNIOR, J. S. Rock With The devil: notas sobre gêneros e cenas musicais a partir da performatização do feminino no heavy metal. *In: XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Intercom, 2013, Manaus. Anais do 36º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Intercom. São Paulo: Intercom, 2013. v. 1. p. 1-13.*

LUCCHESI, F. Riot Grrrl: capturas e metamorfoses de uma máquina de guerra. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP. São Paulo, p. 321. 2015.

MARTINS, Áurea. Gênero e sexualidade na Educação Musical: Um relato de experiência com dois grupos de práticas musicais com jovens na escola. *In: Encontros Regionais Unificados da ABEM, 2020, on-line. Anais do Encontro Regional Sul, 2020. v. 4.*

MOREIRA, Daniela da Silva. Conceitos sobre ajustes no Trato Vocal: Fundamentos para uma análise de utilização do vocal feminina no Symphonic Metal. *Revista Debates*, UNIRIO, v. 1, n. 20, p. 95-131, 2018.

MORELLI, Rita de Cássia Lahoz. Celly, Meire e Regiane: experiências midiáticas de três meninas do rock paulista. *Música Popular em Revista*, Campinas, ano 1, v. 1, p. 58-74, jul.-dez. 2012.

NOGUEIRA, Isabel Porto; MARTINS, Isadora Nocchi. Diálogos colaborativos entre sons e empoderamento: Ciclo Sônicas, Festival Sonora Ciclo Internacional de Compositoras edição Porto Alegre e Girls Rock Camp Porto Alegre. In: XXVIII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, 2018, Manaus. *Anais do 28º Congresso Nacional da ANPPOM 2018*. p. 1-8.

RODRIGUES, Fernanda Gomes. O Grito das Garotas. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade de Brasília. Brasília, p. 76. 2006.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As Pesquisas Denominadas do Tipo “Estado da Arte” em Educação. *Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 19, n. 6, p.37-50, set. 2006.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica. *Educação e Realidade*. 20 (2). p. 71-99. 1995.

WALD, Gayle. *Shout, sister, shout!*: the untold story of rock-and-roll trailblazer Sister Rosetta Tharpe. Boston, Massachusetts: Beacon Press, 2006. 265f.

ZERBINATI, C. D., NOGUEIRA, I. P. y PEDRO, J. M. (2018). A emergência do campo de música e gênero no Brasil: reflexões iniciais. *Descentrada*, 2(1), e034. Disponível em: <http://www.descentrada.fahce.unlp.edu.ar/article/view/DESe034>. Acesso em: 10/09/2022.